



Paisagens florestais e o protagonismo das mulheres

O Fórum Florestal Paraná e Santa Catarina promove a produção e trocas de conhecimento, acolhendo os grandes debates do setor de florestas plantadas, da Academia e das organizações ambientalistas, que comungam do anseio em co-construir soluções baseadas no diálogo. O objetivo geral da iniciativa é “discutir e propor soluções para assuntos que dizem respeito à silvicultura e à conservação, contribuindo no incremento da qualidade de todas as formas de vida e no combate à crise climática”.

Essa publicação é resultado do trabalho desenvolvido pelo Fórum Florestal Paraná e Santa Catarina e do interesse das (os/es) integrantes em colaborar com a pauta de gênero no setor florestal. A publicação tem apoio do Diálogo Florestal, na Década da Restauração de Ecossistemas.



ATALANTA, SC
2022

Organização

Vitor Lauro Zanelatto

Edilaine Dick

Revisão

Nara Perobelli

Ensaio

Alessandra Xavier de Oliveira

Edilaine Dick

Fabiana Dallacorte

Gisele Santos Hennig

Luciane Costa

Mariana Schuchovski

Miriam Prochnow

Ilustrações

Isabelle Nogueira para Apremavi

Projeto gráfico e diagramação

Carolina Schäffer

Paisagens florestais e o protagonismo das mulheres / organização Edilaine Dick, Vitor Lauro Zanelatto ; ilustrações Isabelle Nogueira. -- Atalanta, SC : Apremavi, 2022.

Vários colaboradores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-992445-2-0

1. Biodiversidade 2. Conservação da natureza
3. Ensaio brasileiro 4. Equidade 5. Gênero e sexualidade 6. Identidade de gênero 7. Mulheres
8. Restauração florestal I. Dick, Edilaine.
II. Zanelatto, Vitor Lauro. III. Nogueira, Isabelle.

22-121613

CDD-634.956



PAISAGENS FLORESTAIS E O PROTAGONISMO DAS MULHERES © 2022 PELO FÓRUM FLORESTAL PARANÁ E SANTA CATARINA (FFPR E SC); DIÁLOGO FLORESTAL; ASSOCIAÇÃO DE PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE E DA VIDA (APREMAVI) ESTÁ LICENCIADO SOB CC BY-SA 4.0. PODE SER COPIADO E REDISTRIBUÍDO EM QUALQUER MEIO OU FORMATO E ADAPTADO E TRANSFORMADO, DESDE QUE A FONTE SEJA CITADA E QUE O PROJETO RESULTANTE ESTEJA SOB A MESMA LICENÇA.

Sumário

06	As autoras dos ensaios
08	Apresentação
11	Conceitos sobre o assunto
12	Restauração no Brasil
13	Ensaio: A Rede Mulher Florestal
15	Equidade de gênero
16	Como fazer restauração?
19	Ensaio: A mulher do campo
20	Diálogos frutíferos: planejamento de paisagens e LUD
21	Ensaio: LUD no IFSC
22	Conservação
23	Ensaio: Sobre biodiversidade e o futuro comum para todas as espécies
24	Clima
25	Ensaio: Gênero e clima
26	Parcerias
27	Ensaio: As mulheres e os diálogos
28	Indicações
29	Glossário
30	Referências

— As autoras dos ensaios

ALESSANDRA XAVIER DE OLIVEIRA

Engenheira Florestal e especialista em Engenharia de Segurança do Trabalho pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Possui experiência nas áreas de conservação da natureza e restauração ecológica. Atua no terceiro setor com fortes habilidades de relacionamento com empresas executoras, proprietários rurais, gestores de Unidades de Conservação e parceiros institucionais.

EDILAINE DICK

Bióloga pela Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC, e especialista em Educação no Campo e Desenvolvimento Territorial pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. É coordenadora de projetos na Associação de Preservação do Meio Ambiente e da Vida – Apremavi onde trabalha na implementação de projetos de restauração de áreas degradadas e na implementação de Unidades de Conservação.

FABIANA DALLACORTE

Bióloga e mestre em Engenharia Ambiental pela Fundação Universidade Regional de Blumenau – FURB. É proprietária e responsável técnica pela Bio Teia Estudos Ambientais, onde é coordenadora de estudos para a criação, planejamento e implementação de áreas protegidas.

GISELE SANTOS HENNIG

Engenheira Florestal, graduada pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. Tem experiência em projetos para a restauração ecológica em APPs de pequenas propriedades rurais e Unidades de Conservação, de modo especial na área de ocorrência de Floresta Ombrófila Mista.

Luciane Costa

É graduada em Agronomia e doutora em Manejo do Solo pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Docente no Instituto Federal de Santa Catarina – Campus Lages, na área de Recursos Naturais. Atua em pesquisas sobre o uso e conservação dos recursos naturais, com ênfase em erosão do solo sob diferentes usos.

MARIANA SCHUCHOVSKI

É graduada em Engenharia Florestal pela Universidade Federal do Paraná, mestre em Manejo Florestal e doutora em Ciências Florestais, com ênfase em Manejo Florestal pela Universidade Federal do Paraná, em parceria com a North Carolina State University. É fundadora da Verde Floresta, professora convidada da Fundação Getúlio Vargas, Instituto Superior de Administração e Economia do Mercosul, Universidade Federal do Paraná e Faculdades da Indústria/SENAI. Integra o conselho diretor da Rede Mulher Florestal.

MIRIAM PROCHNOW

Pedagoga e especialista em Ecologia. É co-fundadora da Associação de Preservação do Meio Ambiente e da Vida e foi a primeira secretária executiva do Diálogo Florestal brasileiro. Tem 35 anos de experiência em coordenação de organizações da sociedade civil, execução de projetos de conservação e uso sustentável dos recursos naturais e culturais.



— Apresentação

FERNANDA RODRIGUES
Secretária Executiva do Diálogo Florestal

Desde 2005, quando surge o Diálogo Florestal no Brasil, são realizadas publicações como forma de compartilhar experiências e conhecimentos. A presente publicação inaugura o olhar mais aprofundado para a questão de gênero, que está totalmente alinhamento com o objetivo do Fórum de *“discutir e propor soluções para assuntos que dizem respeito à silvicultura e à conservação, contribuindo no incremento da qualidade de todas as formas de vida e no combate à crise climática”*.

A degradação das florestas e as ações necessárias para sua conservação e restauração abrem a reflexão sobre a urgente melhoria da qualidade de vida das pessoas, que passa pela saúde dos ecossistemas e promoção da equidade de gênero, ajudando a romper as amarras históricas que consciente e inconscientemente ainda se apresentam como barreiras para a verdadeira equidade.

Os depoimentos de mulheres experientes e que vivenciam o dia a dia do trabalho florestal nos brindam com olhares sobre questões centrais para a equidade de gênero: Mariana traz a relatividade dos números no contexto da equidade de gênero e a fundamental importância da existência de espaços para discussão e promoção da equidade; Alessandra mostra que as barreiras são superáveis, as mulheres têm capacidade, força física e a tecnologia a seu favor; Luciana mostra como o aprendizado e o compartilhamento de conhecimentos pode levar à uma visão ampliada; Fabiana fala sobre a unidade e diversidade da vida como fundamentais para as presentes e futuras gerações; a pioneira Miriam clama a urgência de um novo pacto social verdadeiramente inclusivo,

reconhecendo toda a diversidade de ser e viver dentro da palavra “mulher” como uma questão existencial e política; por fim, Edilaine reflete sobre barreiras estruturais para a verdadeira participação das mulheres em todos os espaços.

O texto conecta o planejamento de paisagens com a apresentação de experiências como o Diálogo do Uso do Solo, a menção à importância dos sistemas de certificação, o fundamental papel da conservação dos ecossistemas e a emergência climática. Esta publicação traz à luz desafios e inspiração para superação de obstáculos para a equidade de gênero e, para isso, fundamentais são as parcerias, a colaboração, e sobretudo o diálogo para co-construir soluções com o protagonismo das mulheres.

“A presente publicação inaugura o olhar mais aprofundado para a questão de gênero”

— Antes da leitura...

VAMOS DEFINIR ALGUNS CONCEITOS

De acordo com a autora Joan Scott, o termo gênero pode ser entendido como elemento que define as relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos biológicos. Além disso, gênero também dá significado às relações de poder. Isso quer dizer que as diferenças de gênero estruturam hierarquias e, portanto, estabelecem relações estruturais de subordinação, dominação e desigualdade.

Já a **IDENTIDADE DE GÊNERO** diz respeito ao gênero com o qual uma pessoa se identifica. Esse reconhecimento não depende do gênero normativizado em associação ao sexo biológico. Nesse sentido, os indivíduos podem compreender a si mesmos como cisgênero (se identificam com o gênero tipicamente associado ao seu sexo biológico), transgênero (não identificam-se com o gênero tipicamente associado ao seu sexo biológico) ou gênero neutro/gênero fluído (sem uma determinação associada aos conceitos tradicionais de gênero).

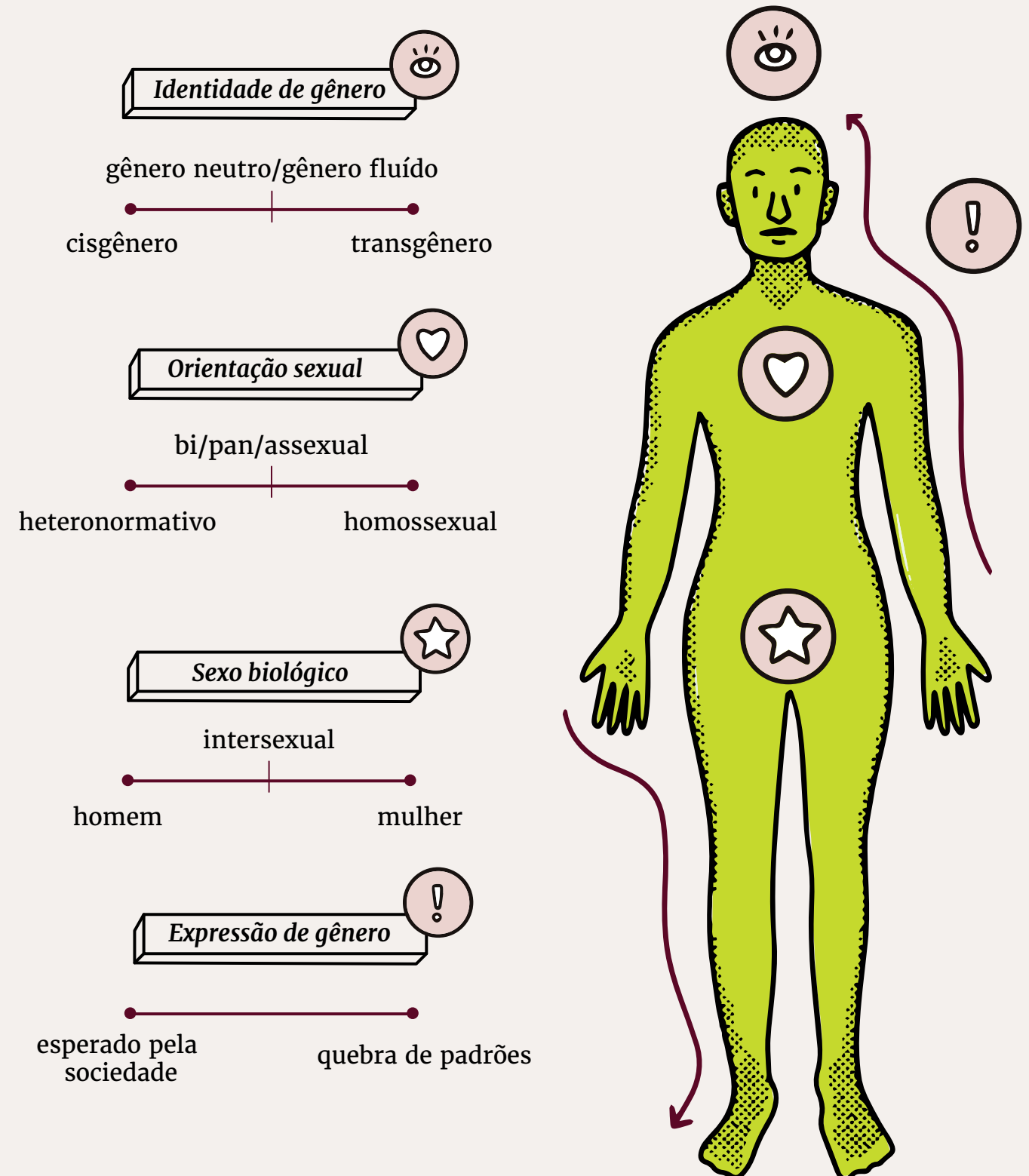
EXPRESSÃO DE GÊNERO são todas as manifestações e performances que os indivíduos realizam, associadas ao gênero, personalidade e identidade social que o mesmo se identifica.

O **SEXO BIOLÓGICO** diz respeito às características morfológicas e genéticas que viabilizam a reprodução dos seres. Por sua vez, a **ORIENTAÇÃO SEXUAL** é configurada a partir dos interesses e atrações do indivíduo.

Para além do gênero, outros fatores influenciam a estrutura social, como a cor, a classe, a idade etc. Ao refletir sobre desigualdades, é preciso considerar a dinâmica entre esses marcadores sociais e compreender suas intersecções.

Nesta publicação, a desigualdade de gênero é discutida a partir da perspectiva das mulheres que a escrevem, em seus lugares de vivência e luta, refletidos nos ensaios. Não é a pretensão deste documento esgotar o debate ou trazer aqui uma visão universal do ser mulher na restauração florestal. Mas sim, contribuir para que o debate cresça e chegue cada vez mais alto, como uma Araucária faz!

CONCEITOS SOBRE O ASSUNTO





Restauração no Brasil

As florestas desempenham um papel fundamental no equilíbrio dos ecossistemas. São habitat de milhões de espécies, provêm serviços ecossistêmicos, garantem a qualidade de vida das pessoas. Embora imaginar viver sem as florestas seja assustador, o desmatamento e outras formas de degradação ambiental ainda são realidade no Brasil.

A situação da Mata Atlântica permite a análise dos desafios que estão postos para a conservação e recuperação destas paisagens: o bioma abrange cerca de 15% do território nacional e concentra de 70% da população brasileira, índice que contrasta com os 12,4% de remanescentes florestais mapeados nos 17 estados que integram o bioma. Segundo o Atlas da Mata Atlântica, estudo elaborado anualmente desde 1989 pela Fundação SOS Mata Atlântica em parceria com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), apenas entre 2020 e 2021 foram desflorestados 21.642 hectares (aproximadamente 23.373 campos de futebol), valor 66% maior que o do período anterior. Incêndios de proporções monstruosas e consequências incalculáveis foram responsáveis por grandes feridas em outros biomas, como na Amazônia, com o aumento de 83% nos focos de incêndio entre 2018 e 2019; e no Pantanal (2020), quando as cenas de desespero de animais

silvestres estamparam capas de grandes jornais.

Os grandes desafios para a proteção das florestas brasileiras demandam, para além dos elementos materiais: dedicação, resiliência e força para serem superados. A conservação e, sobretudo, a restauração de paisagens florestais, tem o potencial de oferecer oportunidades socioeconômicas ímpares em um mundo que busca a neutralidade de emissões dos gases de efeito estufa e controle das mudanças climáticas. O trabalho para recuperar os ecossistemas a partir da atuação consciente e responsável, traz oportunidade de melhorias na sociedade, valorizando diferentes saberes, territórios e a diversidade.

Pensar a restauração das florestas e oportunidades para a melhoria da qualidade de vida das pessoas leva o debate para outro grande desafio que o Brasil ainda não alcançou: a promoção da equidade de gênero. O privilégio histórico da expressão de gênero masculina em detrimento de outros está enraizado em nossa sociedade, dificultando a participação das mulheres em atividades tipificadas como masculinas pela sociedade, determinando diferenças salariais ou inibindo o protagonismo das mulheres em espaços de decisão, por exemplo.

A Rede Mulher Florestal

MARIANA SCHUCHOVSKI, REDE MULHER FLORESTAL

Sou Engenheira Florestal desde 2000, formada pela Escola de Florestas de Curitiba, a primeira do Brasil. Quando entrei na faculdade, pertencia ao grupo da maioria, com praticamente 60% de mulheres na turma. Quando me formei, já era minoria. E no mercado de trabalho, nas empresas de base florestal, atuei quase que solitariamente. As seguintes perguntas ecoavam na minha mente: onde estão as mulheres? Para onde foram minhas colegas de faculdade e de profissão?

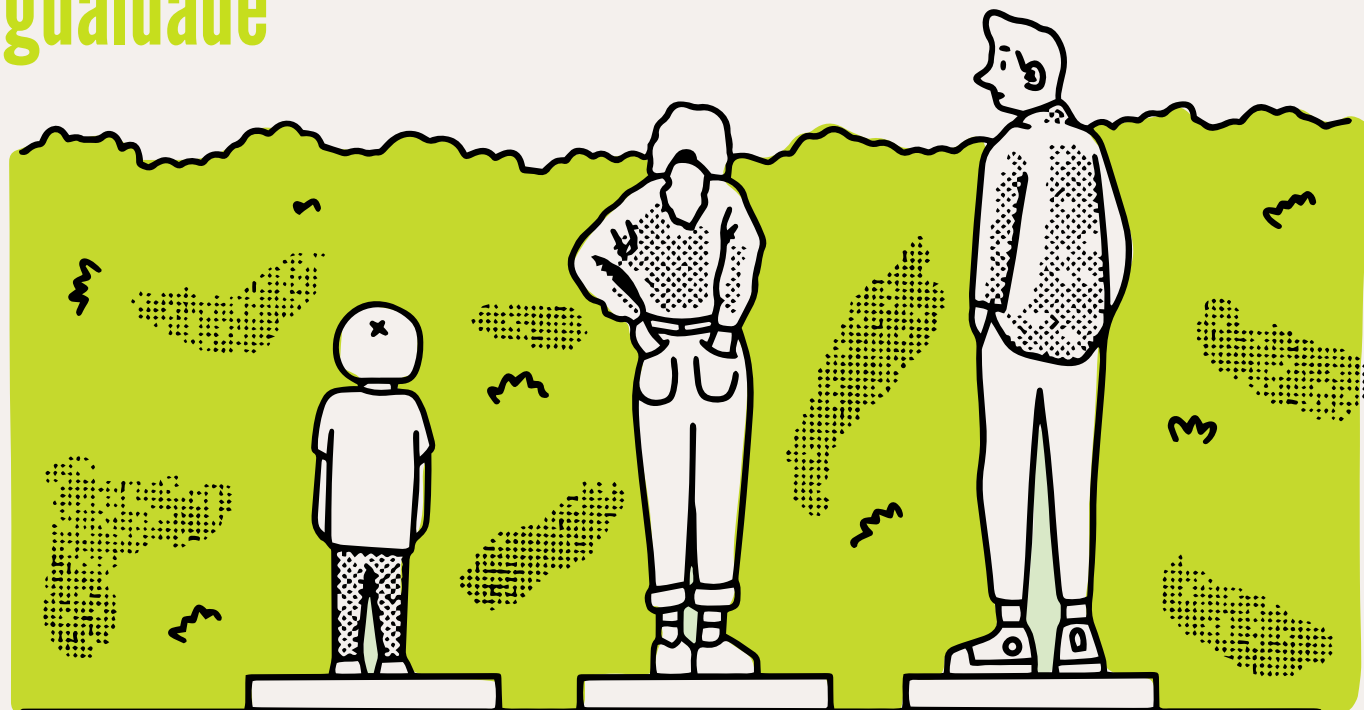
Essas dúvidas foram respondidas pelo Panorama de Gênero do Setor Florestal, elaborado pela Rede Mulher Florestal em 2020, em caráter pioneiro. O estudo identificou que a presença de mulheres nas organizações de base florestal representa apenas 13% e, somente 9% ocupam cargos de diretoria. Ficou evidente que pouquíssimas mulheres florestais atuam de fato no setor florestal, e menos ainda em posições de liderança.

Historicamente, o setor florestal é na sua maioria masculino, sendo recente a inserção das mulheres. Das muitas mulheres com quem me relaciono, escuto com frequência histórias sobre suas dificuldades em diversos ambientes, de discriminação a assédio. Situações como estas causam o afastamento e até o isolamento das mulheres, com péssimas repercussões para toda a sociedade. A equidade de gênero precisa de espaços de diálogo e discussão para diminuir o desconhecimento sobre o tema e/ou interpretações distorcidas.

Faço parte do Conselho Diretor da Rede Mulher Florestal desde 2019, realizando trabalhos voluntários para promover a discussão e o alcance da equidade de gênero no setor florestal. Isso porque eu acredito que o setor florestal pode ser mais inclusivo e equitativo, com mais respeito à diversidade e a igualdade de direitos e oportunidades.

A Rede Mulher Florestal é uma rede independente de mulheres do setor florestal, profissionais e estudantes, sem fins lucrativos, sem vinculação partidária e de caráter não governamental. Nosso papel é fortalecer cada vez mais a atuação em rede de indivíduos e organizações. Acreditamos na importância das mulheres na restauração florestal, somos integrantes da Aliança pela Restauração na Amazônia e estamos dedicadas e atuando em rede sobre este tema.

Igualdade



Equidade



— Equidade de gênero

“Utilizar o conceito de equidade, ao invés de igualdade, para a questão de gênero, permite evidenciar estereótipos.”

VALE LEMBRAR QUE...

A equidade diz respeito ao reconhecimento das características próprias de um indivíduo ou grupo, levando em consideração o direito de cada um, de forma justa. As diferenças, vulnerabilidades e necessidades particulares das pessoas e de cada gênero, especialmente em relação à maior vulnerabilidade a qual as mulheres estão colocadas.

Essas particularidades devem ser consideradas para a promoção de um tratamento equilibrado. Utilizar o conceito de equidade, ao invés de igualdade, para a questão de gênero, permite evidenciar estereótipos e o descompasso no “ponto de partida” das mulheres se comparado com os homens para a expressão e ocupação de espaços de liderança.



Como fazer restauração



Os termos **marcados** no texto estão apresentando no glossário, página 29.

Promover a restauração da floresta demanda, em uma visão prática, três elementos essenciais: metodologia, investimento e dedicação.

1. METODOLOGIA: é o caminho escolhido para promover a restauração da floresta. Existem várias metodologias, e a decisão sobre qual a melhor estratégia a ser adotada deve observar as características da área, aspectos ambientais da região, potencial de regeneração e investimentos disponíveis para a realização do trabalho. Alguns métodos utilizados na restauração de áreas degradadas são:

1.1 Introdução de espécies nativas: Pode ser realizado pelo plantio direto das sementes,, plantio de mudas ou estacas . Devem ser realizadas combinações de espécies, para aumentar a biodiversidade e caracterizar o processo de **sucessão natural**. Para essas combinações podem ser utilizados dois grupos: o de preenchimento e o de diversidade.

O grupo de preenchimento é formado por **táxons** que possuem crescimento rápido, e potencial de cobertura copa nos primeiros anos de vida, promovendo o preenchimento/sombreamento da área. Já o grupo de diversidade apresenta crescimento mais lento, e em muitos casos

depende de cobertura de copa (proveniente do grupo de preenchimento) para se desenvolver.

1.2 Condução da regeneração natural: é promovida através de ações que ajudem a controlar plantas invasoras (como capins e cipós), impeçam a presença de agentes externos prejudiciais a restauração como a presença de gado e uso de fogo. Algumas ações podem ser adotadas como construção de cercas, **coroamento** dos indivíduos nativos que estão em regeneração, erradicação das espécies exóticas, construção de poleiros naturais ou artificiais, entre outros métodos.

1.3 Adensamento: promove a cobertura de espaços não preenchidos pela regeneração natural. Pode ser feito através do plantio de mudas de **espécies pioneiras**, e é recomendado para acelerar a cobertura do solo, e aumentar a diversidade de espécies presentes na área.

1.4 Enriquecimento: objetiva ampliar a diversidade de espécies em áreas que já apresentam vegetação nativa. Pode ser realizado com o plantio de espécies secundárias tardias ou **climáticas** em meio à vegetação existente.

2. INVESTIMENTO: aplicação de recursos financeiros e humanos nas numerosas atividades da cadeia da restauração. Os custos variam conforme as dimensões e a realidade de cada área. A compra de mudas, construção de cercas, mão-de-obra para o plantio e adubação são apenas algumas das atividades onde os recursos podem ser utilizados.

Esse custo pode ser dividido entre os diferentes setores envolvidos na restauração, como mecanismos de financiamento, a mão-de-obra familiar, subsídios oferecidos por programas e projetos desenvolvidos por organizações da sociedade civil, entre outros mecanismos.

Os recursos necessários podem ter diferentes origens, desde editais para restauração de órgãos públicos, iniciativas do setor privado para a sustentabilidade e programas de compensação ambiental, filantropia e campanhas com a sociedade civil.

3. DEDICAÇÃO: atuação comprometida dos responsáveis pela restauração de modo contínuo. Grande parte das áreas recuperadas no Brasil são viabilizadas através de processos colaborativos, como parcerias entre produtores rurais e Organizações da Sociedade Civil.

Comunidades e famílias são envolvidas e colaboram com o processo, auxiliando no plantio, realizando o monitoramento dos resultados, as intervenções necessárias e colaborando para que a paisagem volte o mais próximo possível da situação original.





A mulher do campo

ALESSANDRA XAVIER DE OLIVEIRA E GISELE SANTOS HENNIG,
SOCIEDADE DE PESQUISA EM VIDA SELVAGEM E EDUCAÇÃO AMBIENTAL
(SPVS)

Quando nos questionam sobre as possíveis dificuldades que encontramos por ser mulher em campo, respondemos que a tudo somos capazes de superar. A sensibilidade aos menores detalhes até a visão mais complexa de sistemas existentes em nossas experiências profissionais e pessoais nos capacita e encoraja à colocar em prática os conhecimentos aprendidos e apreendidos.

Até mesmo quando nos é exigido o uso de força física, muito comum nas atividades de campo, não é um obstáculo para desenvolver o nosso trabalho, principalmente porque hoje temos a tecnologia a nosso favor.

Sim, o cansaço aparece. São muitas funções envolvidas desde todo o planejamento técnico – em escritório – até as atividades operacionais de campo como dirigir, carregar os carros de mudas, fazer monitoramento em dias de muito calor. Nestes momentos olhamos para o lado e observamos os maiores exemplos que poderíamos ter: as agricultoras da lavoura de fumo, que estão no campo dia a dia, plantando, capinando, colhendo e secando, tudo isso conciliado aos cuidados da casa e da família.

Como não poderia deixar de ser, além disso, somos recebidas com muita atenção nas propriedades. As mulheres compartilham seus conhecimentos, auxiliam nos monitoramentos, e, sobretudo, valorizam a conservação e a restauração ecológica de suas Áreas de Preservação Permanente – APPs. Formado por uma equipe de base feminina que se soma às agricultoras, o Projeto Conexão Araucária é fundado na força e nas inspirações.

Diálogos frutíferos: planejamento de paisagens e LUD

Cada vez mais, a governança, o diálogo e os espaços de tomada de decisão são observados para além da esfera pública, promovidos por agentes privados, intrinsecamente ligados e envolvidos com a temática. No setor florestal não é diferente, mecanismos de certificação da cadeia produtiva, por exemplo, foram elaborados visando a sustentabilidade, a responsabilidade social e a viabilidade econômica, e tornaram-se essenciais para o mercado.

Mecanismos para a identificação de objetivos em comum, e princípios entre os diferentes atores de uma paisagem, também resultam em agendas propositivas, democráticas e com

responsabilidades compartilhadas. O Diálogo do Uso do Solo (Land Use Dialogue, ou apenas LUD), modelo promovido pelo Diálogo Florestal, é um grande exemplo para a construção de debates e redes colaborativas em prol das paisagens e da sustentabilidade.

O LUD foi elaborado para apoiar processos envolvendo múltiplas partes interessadas, no manejo multissetorial e adaptativo do solo em paisagens estratégicas ao redor do mundo. Baseia-se na premissa de que, através do diálogo, as pessoas e as instituições podem criar soluções mais sustentáveis, localmente orientadas e duradouras para os desafios da paisagem.

OBJETIVOS DAS PLATAFORMAS DE DIÁLOGO DO USO DO SOLO (LUD)

- Apoiar um processo de aprendizado social em diferentes setores;
- Promover uma visão da paisagem compartilhada por um conjunto inclusivo de partes interessadas da paisagem;
- Identificar ações prioritárias para concretizar a visão que alimenta os processos previstos ou em curso no local.

Através da tomada de decisões colaborativa, a abordagem de paisagem insere os objetivos ambientais, sociais e econômicos em um marco conceitual para a gestão adaptativa da paisagem. Para além das discussões formais, o LUD tem potencial de promover uma nova maneira de observar e construir planejamentos participativos para o território, inclusive na esfera pública, no setor privado e na academia.

LUD no IFSC

LUCIANE COSTA,

INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA CAMPUS LAGES - IFSC LAGES

Lembro que no início da pandemia de Covid-19, em 2020, o Diálogo Florestal realizou uma oficina de capacitação dos membros sobre a metodologia do LUD: fiquei impressionada com as experiências já realizadas pelo mundo e aqui, em Santa Catarina.

Em 2021 o IFSC - câmpus Lages, onde leciono, ofertou uma especialização em Agroecologia. Decidi então iniciar a divulgação do que havia conhecido sobre o LUD, inserindo-o no plano de ensino da disciplina, como forma de ampliar o olhar sobre o solo. Normalmente, os planejamentos dentro das ciências agrárias limitam-se à “capacidade de uso do solo” para fins produtivos, desconsiderando todos os demais serviços ecossistêmicos que o território proporciona. Adicionando a abordagem do LUD, o resultado foi incrível pois, como temos alunos de vários estados brasileiros, foi possível - através dos olhos deles - conhecer um pouco dessas áreas com conflitos de uso que necessitavam de um diálogo. Os estudantes elencaram os atores envolvidos na área, justificaram a escolha da mesma, e citaram os principais problemas relacionados.

Fiquei feliz em possibilitar que futuros profissionais (engenheiros florestais, agrônomos, biólogos e gestores ambientais) de várias partes do Brasil, conheçam o LUD e reflitam sobre como tratamos o solo e a natureza.

Conservação



A preservação dos fragmentos florestais, através de Unidades de Conservação (UCs) ou Áreas de Preservação Permanente (APPs) tem papel fundamental na conservação da biodiversidade. Asseguram refúgio para espécies endêmicas ou ameaçadas de extinção, provêm serviços ecossistêmicos, e contribuem com a regulação do microclima e da paisagem. Além disso, essas áreas desempenham um papel importante na restauração de áreas degradadas, permitem o fluxo gênico entre as espécies, dispersão de sementes, favorece a regeneração natural e a biodiversidade das áreas próximas a um ecossistema conservado.

A conservação de florestas também é uma oportunidade para a geração de renda, através do turismo sustentável e do extrativismo em unidades de conservação e outras áreas protegidas, onde o manejo é autorizado (a coleta de sementes é um dos exemplos rentáveis).

Sobre biodiversidade e o futuro comum para todas as espécies

FABIANA DALLACORTE,
BIO TEIA ESTUDOS AMBIENTAIS

A conservação e a restauração da biodiversidade nos biomas brasileiros nunca foram tão necessárias e urgentes como tem sido observado nos últimos anos. Dependemos da natureza de forma intrínseca, e dos serviços ecossistêmicos providos pelos biomas que compõem o país. Além disso, não podemos esquecer da relação dos povos tradicionais e locais, que são guardiões da biodiversidade ligada a estes ecossistemas.

As Unidades de Conservação (UCs), sejam elas públicas ou privadas, são as principais reservas da biodiversidade e garantia de vida para as presentes e futuras gerações. Para o bom funcionamento da gestão destas unidades, é necessário um planejamento eficiente e efetivo. Meu trabalho nesta história é para garantir o futuro para o meu filho, e também para os filhos de outras mães.

Há mais de 15 anos, ajudo a formar o grande quebra-cabeça da conservação da biodiversidade, nas melhores práticas de desenvolvimento regional e do envolvimento de comunidades no planejamento de áreas protegidas. A Bio Teia Estudos Ambientais, minha empresa, surgiu da necessidade em oferecer serviços baseados no conhecimento local e na ciência aplicada, com estudos de cada situação para sempre chegar à melhor solução.

Nossa teia participa de projetos para estabelecer políticas e estratégias de negócio, planos de gestão ambiental, consultorias sobre questões ambientais e estudos voltados à conservação do meio ambiente.

Ensaio



Já foram evidenciados pela ciência os efeitos prejudiciais das emissões de gases de efeito estufa (GEE) no clima do planeta, bem como a influência das ações humanas neste desequilíbrio. O mais recente relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima (IPCC) firma um aumento médio de 1.1°C na temperatura do planeta, se comparado ao nível pré-industrial, indicando a necessidade de políticas e ações amplas na economia e na sociedade para a mitigação desta crise.

AS MUDANÇAS NO CLIMA ATINGEM A TODAS AS PESSOAS, MAS NÃO DA MESMA FORMA. Populações mais vulnerabilizadas por sua classe social, localização geográfica, cor e gênero, tendem a ser mais impactadas. Nesse sentido, soluções para combater a mudança do clima devem promover a escuta e garantir a participação efetiva de diferentes grupos sociais, a fim de criar soluções que valorizem a diversidade e o bem-estar das populações.

Clima

Gênero e clima

MIRIAM PROCHNOW,
ASSOCIAÇÃO DE PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE E DA VIDA
(APREMAVI)

A humanidade enfrenta uma crise sem precedentes. Em meio a pandemia da Covid-19, precisamos lidar com o declínio das atividades econômicas e, ao mesmo tempo, atuar de forma eficiente para resolver os problemas ocasionados pela emergência climática. A solução para todas essas crises é a conservação da natureza. Novas pandemias poderão surgir à medida que avança a destruição dos ambientes naturais e, por isso, precisamos preservar. Por outro lado, uma retomada econômica sem considerar os limites da natureza e o uso sustentável dos recursos naturais, certamente agravará as crises. A retomada não deve somente ser verde, mas também inclusiva.

Precisamos estimular e ajudar a construir um novo contrato ou pacto social, no qual a equidade de gênero, o combate ao racismo e a proteção da natureza estejam inseridos como questões centrais e inegociáveis. Precisamos de oportunidades para que mulheres compartilhem as suas histórias; de projetos nos quais elas tenham protagonismo no planejamento das propriedades e paisagens; protagonismo nas ações de restauração, ações essas que incentivem jovens mulheres a ocuparem cargos públicos; que criem campanhas para reaproximar as mulheres da natureza e de suas soluções; que ajudem a cuidar dos espaços democráticos, inclusivos e de diálogo.

Uma iniciativa importante que tem tratado dessas questões é o Grupo de Trabalho (GT) de Gênero e Clima do Observatório do Clima. Na comunidade de aprendizagem do GT, elaboramos a seguinte afirmação: “Nós, mulheres, não somos nem salvadoras do planeta, e nem naturalmente vulneráveis. Vivenciamos a crise climática de formas diferentes: depende da cor, classe, sexualidade, faixa etária e tantas outras questões. Nossa relação com a preservação da vida e da natureza não é uma inclinação biológica. É uma questão existencial e política”.

*Visando mostrar como a questão de gênero conversa com a agenda climática, o GT construiu um **infográfico** que explica a importância de entrelaçar gênero e clima. O material ilustra como as diferentes realidades das mulheres precisam ser reconhecidas e consideradas, sobre como os espaços de poder precisam ser ocupados por mulheres em condições de igualdade. É uma contribuição importante para aprofundar esse debate em todos os setores da sociedade.*

Ensaio



Saiba mais sobre o
infográfico na página 28.

Parcerias

A promoção de iniciativas em escala para a restauração de ecossistemas e a sustentabilidade demandam a união de esforços entre os setores, e isso é um grande desafio. Conectar objetivos e propósitos tem potencial de criar soluções inovadoras, inclusivas e com maior impacto; embora demande muito esforço.

PARA DISCUTIR TEMAS COMPLEXOS, COMO A RESTAURAÇÃO DE PAISAGENS FLORESTAIS E A EQUIDADE DE GÊNERO, É PRECISO CONSIDERAR OS ANSEIOS DE TODOS, E OFERECER UM CONVITE PARA A PARTICIPAÇÃO EFETIVA NO DEBATE. A criação de coalizões é o primeiro passo para o estabelecer consensos e, a partir disso, promover a união de forças, recursos e conhecimentos na construção de soluções.

O Fórum Florestal Paraná e Santa Catarina é uma dessas iniciativas assentadas na parceria e na troca.



As mulheres e os diálogos

EDILAINE DICK,

ASSOCIAÇÃO DE PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE E DA VIDA
(APREMAVI)

Em 2008 fui convidada pela primeira vez para participar de um processo de diálogo intenso, estava nascendo o Fórum Florestal Paraná e Santa Catarina. Nossa primeira reunião foi realizada na sede da WestRock, em Canoinhas (SC). Éramos apenas sete mulheres, entre 34 participantes; o segundo encontro seguiu a mesma proporção. Com o passar dos anos, as mulheres foram se engajando nesse contexto e, em 2020, o cenário era bastante diferente: dos 19 participantes do planejamento estratégico do Fórum, 13 representavam o protagonismo feminino.

A pouca participação das mulheres não era observada somente neste espaço de diálogo, mas sim em tantos outros nos quais estava participando, em movimentos nacionais e locais, nas reuniões comunitárias, ou ainda nos conselhos de unidades de conservação.

Uma vez ouvi que “os espaços de participação são criados em vários momentos e cabe a cada um se apropriar”. Proponho a reflexão: será que todas as mulheres têm essa oportunidade de participação diante do contexto social em que vivem? Estão elas preparadas para essa mudança? A exemplo do Fórum, a barreira para participação das mulheres nos diálogos diminui a cada ano. Destaco nesse processo a importância das mulheres pioneiras que tanto nos ensinam, mas também aquelas que com o tempo foram e estão chegando e trazendo riqueza para as discussões.

Tenho a certeza de que as mulheres têm a capacidade de engajar pessoas, de inovar, que são seres de fibra e que não tem medo da adversidade.

A restauração de ecossistemas e sociedades demanda conhecimento e união. Abaixo estão listados iniciativas, coletivos, organizações e projetos que produzem conteúdos sobre a biodiversidade das florestas brasileiras; restauração e conservação; gênero e mobilização social.

ATLAS DA MATA ATLÂNTICA - SOS MATA ATLÂNTICA

<https://www.sosma.org.br/iniciativa/atlas-da-mata-atlantica/>

CARTILHAS SEMEANDO EQUIDADE - PACTO PELA RESTAURAÇÃO DA MATA ATLÂNTICA

<https://pactomataatlantica.org.br/o-movimento/acervo/>

DIÁLOGO DO USO DO SOLO (LUD) - DIÁLOGO FLORESTAL

<https://dialogoflorestal.org.br/quem-somos/iniciativas/dialogo-do-uso-do-solo-brasil/>

GT DE GÊNERO E CLIMA - OBSERVATÓRIO DO CLIMA

<https://generoeclima.oc.eco.br/>

REDE MULHER FLORESTAL

<https://www.redemulherflorestal.org/>

RESTAURAÇÃO FLORESTAL E ABORDAGEM DE GÊNERO - WRI

<https://wribrasil.org.br/pt/o-que-fazemos/projetos/restauracao-florestal-abordagem-genero/>

SÉRIE MULHERES QUE RESTAURAM - APREMAVI

<https://apremavi.org.br/protagonistas-da-restauracao-relembre-a-historia-das-mulheres-que-restauram/>

Glossário

RESTAURAÇÃO

Restauração Ecológica, Reflorestamento com espécies nativas, ou ainda Restauração Florestal, são diferentes nomenclaturas para as atividades que promovem o restabelecimento dos processos naturais, buscando recuperar a biodiversidade e os recursos naturais.

ESPÉCIES ENDÊMICAS

são aquelas que ocorrem somente em uma determinada área ou região geográfica. O endemismo é causado por quaisquer barreiras físicas, climáticas e biológicas que impedem a distribuição de uma espécie.

FLUXO GÊNICO

Fluxo de genes entre populações de uma mesma espécie através dos processos reprodutivos. A variabilidade promovida pelo fluxo gênico confere vantagens seletivas aos novos indivíduos, ampliando a diversidade biológica e atuando em desfavor do acúmulo de genes deletérios.

TÁXONS

Unidade de uma categoria estabelecida utilizada para organizar os seres vivos e entender a evolução, a partir de análises genéticas e morfológicas.

COROAMENTO

Limpeza do solo na área de entorno ao berço das mudas que foram plantadas, visando impedir o desenvolvimento de espécies que possam competir ou atrasar o o desenvolvimento da muda plantada.

ESPÉCIES PIONEIRAS

São aquelas que produzem grande número de sementes, necessitam de luz para germinar, apresentam crescimento rápido e vigoroso da planta, mas geralmente apresentam ciclo de vida curto;

ESPÉCIES CLIMÁICAS

Com características antagônicas às pioneiras, estas espécies apresentam em geral menor produção de sementes, ciclo de vida longo, crescimento lento, germinam e se desenvolvem preferencialmente à sombra.

SUCESSÃO NATURAL

É o processo de evolução do ecossistema desde a colonização até a comunidade clímax. Apresenta-se como mudanças ordenadas, graduais e progressivas no ecossistema como resultado da ação contínua dos fatores ambientais sobre os organismos e da reação destes ao ambiente.

Referências

BRASIL. EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. (org.). Glossário Florestal. Disponível em: <https://www.embrapa.br/codigo-florestal/entenda-o-codigo-florestal/glossario>. Acesso em: 14 maio 2022.

BRASIL. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. (org.). Mata Atlântica: manual de adequação ambiental. Brasília, 2010. 96 p. (Biodiversidade).

DIÁLOGO FLORESTAL. Fórum Florestal Paraná e Santa Catarina. 2021. Disponível em: <https://dialogoflorestal.org.br/>. Acesso em: 05 set. 2021.

HÉLDER DUARTE BATICÃ. Ue-Paane – Programa de Apoio Aos Actores Não Estatais. Manual de Igualdade e Equidade de Gênero. 2015. Disponível em: http://www.ue-paane.org/files/4314/6056/6939/17_Manual_Igualdade_e_Equidade_de_genero.pdf. Acesso em: 28 nov. 2021.

UICN (2018). Diretrizes de restauração sensíveis ao gênero: Um olhar de perto para a questão do gênero na Metodologia de Avaliação de Oportunidades de Restauração. Gland, Suíça: UICN.

MELO, Thadeu (org.). Sementes do Diálogo: registros da primeira fase de diálogo florestal para a mata atlântica. Rio de Janeiro: Instituto Bioatlântica, 2008.

OBSERVATÓRIO DO CLIMA. GT de Gênero e Clima. 2021. Disponível em: <https://generoeclima.oc.eco.br/>. Acesso em: 05 set. 2021.

PACTO PELA RESTAURAÇÃO DA MATA ATLÂTICA (Brasil) (org.). Cartilha Semeando Equidade: governança, diálogo e formação de redes. São Paulo: Pacto Pela Restauração da Mata Atlântica, 2017.

PACTO PELA RESTAURAÇÃO DA MATA ATLÂTICA (Brasil) (org.). Cartilha Semeando Equidade: mulheres na restauração de paisagens florestais. São Paulo: Pacto Pela Restauração da Mata Atlântica, 2017.

PACTO PELA RESTAURAÇÃO DA MATA ATLÂTICA. Conectando paisagens e pessoas. 2021. Disponível em: <https://pactomataatlantica.org.br/>. Acesso em: 05 set. 2021.

PACTO PELA RESTAURAÇÃO DA MATA ATLÂTICA. Glossário. 2022. Disponível em: <http://pactomataatlantica.org.br/glossario/>. Acesso em: 18 abr. 2022.

RODRIGUES, Ricardo Ribeiro; VIDAL, Cristina Yuri. Restauração da diversidade: os viveiros do estado de São Paulo. Piracicaba: USP/ESALQ, 2019.

SOS MATA ATLÂNTICA (São Paulo). SOS Mata Atlântica. Atlas dos Remanescentes Florestais da Mata Atlântica: período 2020–2021. São Paulo, 2022. 72 p. Disponível em: <https://cms.sosma.org.br/wp-content/uploads/2022/05/Sosma-Atlas-2022-1.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2022.

ISBN: 978-65-992445-2-0

CDL



9 786599 244520